

SALAZAR – SALAZAR – SALAZAR

Carta de Marcelo Caetano a Salazar

25 de Janeiro de 1944

Senhor Presidente:

[...]

Creio já lhe ter dito que sou daqueles (muito raros) que para o público defendem enquanto podem os princípios e os actos do Governo, mas procuram falar verdade a quem governa. Muito raros, hoje, os homens assim: eu só vejo gente a dizer aos ministros coisas lisonjeiras e a gritar vivas, para dez minutos depois andarem a dizer em coro com os amigos e os inimigos cobras e lagartos da marcha das coisas públicas.

Ora confrange-me (repito) a desagregação moral progressiva do País, não contrariada, não evitada, pela acção do Governo.

Deixa-se, por exemplo, criar a convicção de que quem põe e dispõe nos bastidores são os homens de negócios, os homens do dinheiro.

É possível que o Ministério da Economia seja impecável: mas saem de lá coisas impressionantes, quer para o País, quer para o estrangeiro (que o diga a comissão de compras nos Estados Unidos).

Depois, apesar de não haver barulho na imprensa, a notícia dos escândalos espalha-se, propaga-se, avolumada pela puridade, e debalde se espera o acto vingador do Poder.

Por exemplo:

Foi primeiro o escândalo Álvaro de Sousa que não esqueceu e agora voltou à superfície.

Foi depois o escândalo do Sain¹ (condecorado com a Ordem de Cristo!) cuja comissão clandestina no negócio do petroleiro é conhecida até aos centimos, e que chamou a atenção para a triste história da Sacor. Houve um inquérito – mas até hoje não houve providências.

É agora o escândalo Meira², grave pelas repercussões sobre o banco emissor do Estado – e até pela poeira levantada em redor de pessoas que o administram...

¹ Martin Sain.

² Francisco Meira. Director e administrador do Banco de Portugal (1929-1943).

Eu percebo que não se agravem as questões com a publicidade e as punições. Mas vamos deixar o Estado Novo converter-se numa 3.ª República francesa? Vamos deixar essa gente que só pensa em dinheiro e interesses continuar a desacreditar-nos? Vamos deixá-los entibiar a nossa fé – depois de nos terem sabotado em grande parte a acção?

Eu creio que não se pode continuar a deixar essa gente à solta – a «fazer da guerra um negócio» e pagar champagne para beber à vitória da Rússia (como eu já vi).

Vejo com aflição que a juventude portuguesa não está com o Estado Novo: os melhores ou vão para a acção monárquica, ou para outras formas de acção política para além do que V. Ex.ª prega; muitos infelizmente não ficam connosco. Mas propriamente convictos de ser este o governo que convém – não os conheço, na idade da definição, isto é, por volta dos 20 anos.

Aqui tem V. Ex.ª mais uma informação honesta. E não será inútil porque, pelo menos, descarrega a minha consciência.

Disponha sempre do amigo e discípulo admirador,

Marcello Caetano

Texto retirado de

Salazar e Caetano – Cartas Secretas – 1932-1968, de José Freire Antunes, pp. 117-118.